UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

LUIZ THIAGO CARNEIRO FOGAÇA

CAIO JÚLIO CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DE HISTÓRIA POR MEIO DO BELLVM CIVILE

BOA VISTA, RR

2025

LUIZ THIAGO CARNEIRO FOGAÇA

CAIO JÚLIO CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA POR MEIO DO BELLVM CIVILE

Monografia apresentada à Coordenação de História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, como requisito para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientadora: Olga Pisnitchenko

BOA VISTA, RR
2025

Dados Internacionais de Catalogação Na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

F655c Fogaça , Luiz Thiago Carneiro.
Caio Júlio César e a construção de história por meio do Bellvm Civile / Luiz Thiago Carneiro Fogaça. – Boa Vista, RR 2025.
45 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Olga Pisnitchenko.
Monografia (graduação) – Universidade Federal de Roraima, Curso de Licenciatura em História.

1. César. 2. Bellvm civile. 3. História. 4. Discurso. 5. Commentarii. I. Título. II. Pisnitchenko, Olga. (orientadora).

CDU – 91:801.73

Ficha Catalográfica elaborada pela: Bibliotecária/Documentalista:
Marcilene Feio Lima - CRB-11/507-AM

LUIZ THIAGO CARNEIRO FOGAÇA

CAIO JÚLIO CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA POR MEIO DO BELLVM CIVILE

Monografia apresentada à Coordenação de História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Roraima, como requisito para obtenção do grau de licenciado em História. Defendida em 17 de dezembro de 2025 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

_____

Profª. Dr.ª Olga Pisnitchenko
Orientadora/Curso de História - UFRR

_____

Prof. Dr. Alfredo Ferreira de Souza
Membro Interno/Curso de História - UFRR

_____

Prof. Dr. Luiz Eduardo Rodrigues Amaro
Membro Interno/Curso de Letras - UFRR

_____

(Suplente)

AGRADECIMENTOS

A quantidade de palavras que existem na língua portuguesa não são suficientes para descrever o meu sentimento de gratidão àqueles que estiveram ao meu lado durante essa caminhada. Primeiro agradeço a Deus, sem ele nada disso seria, é ou será possível.

Agradeço à minha mãe, meu pai, minha irmã, e minha namorada por sempre estarem ao meu lado. Dedico também o maior dos agradecimentos para as minhas duas avós, sem elas eu não seria nada do que sou hoje. Agradeço também à todos os familiares, meus avós, tios, tias, primos, primas e outros parentes que participaram direta ou indiretamente nessa caminhada.

Agradeço especialmente à professora Olga, por todas as conversas, aulas, piadas, ensinamentos, carinho e atenção que a senhora me proporcionou durante esses anos. O que aprendi com a senhora, como pessoa e historiadora não tem preço. Agradeço também aos diversos professores que iluminaram o meu caminho nesta caminhada divertida que foi a graduação. Agradeço ao professor Thiago, mesmo por um breve período o senhor foi muito marcante, agradeço ao professor Benedito por sua gentileza insuperável, agradeço à professora Marcela e a professora Raquel, pelos conhecimentos e puxões de orelha, agradeço ao professor Alfredo por me apresentar o maravilhoso, e ainda pouco explorado por mim, mundo da teoria, agradeço também à professora Maria Luiza, nosso tempo em sala de aula também foi curto, mas com a senhora eu descobri o gosto por escrever sobre futebol e sua história. Agradeço ao restante do corpo docente do CCH, sempre os guardarei em um lugar bom no coração.

Agradeço aos professores que passaram pela minha vida, todos aqueles que me fizeram entender dores e amores que nossa tão amada, embora não tão bem estimada, profissão carrega.

Um agradecimento grande aos colegas que participaram junto comigo desta tão estranha e interessante graduação, Rayane, Alexandra e Murilo. Agradeço também por ter tido a oportunidade de conhecer e trocar experiências tão boas e proveitosas com os demais colegas do curso, aqueles que permanecem e aqueles que ficaram pelo caminho.

Agradeço aos amigos que estiveram ao meu lado, aliviando o peso do coração. Agradeço a vocês, Lira, Zahi, Rafael, Gabriel, Tor4, Dany, Arisha, Matheus, Pedro, Júlio e todos os outros que mesmo não sendo citados aqui, não são menos em aspecto algum.

Por fim, agradeço a mim, por ter um dia sonhado em ser historiador, mantenha sempre essa paixão e amor pelas coisas que você faz.

“É só uma questão de brio… você tem brio?”

Clóvis de Barros Filho.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar a obra *Bellvm Civile (BC*) de Caio Júlio César, buscando compreender como ela articula uma narrativa que transcende o mero relato memorialístico, estabelecendo-se como um discurso político e uma forma específica de obra de cunho histórico. A pesquisa examina as estratégias discursivas e as intenções implícitas e explícitas de César ao narrar o conflito contra Cneu Pompeu Magno, escrito entre 49 e 47 a.C. O trabalho está estruturado em três capítulos: o primeiro contextualiza o ambiente político-social da Roma do século I a.C. e a ascensão de César; o segundo foca nas características do BC, seu gênero *commentarii* e a construção narrativa para legitimar as ações de César; e o terceiro capítulo propõe uma análise da obra como um processo de construção da História, para além do caráter auto-propagandístico. Utilizando as reflexões teóricas de Paul Veyne e Eni Puccinelli Orlandi, o estudo visa suscitar reflexões sobre história, discurso e narrativa, avaliando em que medida o *Bellvm Civile* pode ser considerado uma obra historiográfica que supera o registro memorialístico tradicional.

Palavras-chave: césar; *bellvm bivile*; história; discurso; *commentarii*.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze Caius Julius Caesar's work, *Bellvm Civile* (*BC*), seeking to understand how it articulates a narrative that transcends a mere memorialistic account, establishing itself as both a political discourse and a specific form of historical work. The research examines Caesar's discursive strategies and his implicit and explicit intentions in narrating the conflict against Gnaeus Pompey Magnus, written between 49 and 47 B.C. The work is structured in three chapters: the first contextualizes the political-social environment of 1st century B.C. Rome and Caesar's rise; the second focuses on the characteristics of the BC, its *commentarii* genre, and the narrative construction used to legitimize Caesar's actions; and the third chapter proposes an analysis of the work as a process of history construction, beyond its self-propagandistic nature. Employing the theoretical reflections of Paul Veyne and Eni Puccinelli Orlandi, the study aims to provoke reflections on history, discourse, and narrative, evaluating to what extent the *Bellvm Civile* can be considered a historiographical work that surpasses the traditional memorialistic record.

Keywords: caesar; *bellvm civile*; history; discourse; *commentarii*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....10
2. CÉSAR E ROMA.....17
2.1 UMA ROMA DE MÁRIO E SULA.....17
2.2 CURSUS HONORUM, TRIUNVIRATO E PRIMEIRO CONSULADO..... 19
2.3 A GUERRA NA GÁLIA E INÍCIO DA GUERRA CIVIL..... 21
2.4 O BELLO GALLICO..... 24
3. CÉSAR, AUTOR E OBRA.....26
3.1 A OBRA E SEU GÊNERO..... 26
3.2 PERSONAGENS NA OBRA DE CÉSAR.....28
3.3 GUERRA JUSTA.....34
4. CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA..... 38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 42
REFERÊNCIAS..... 43

1. INTRODUÇÃO

Caio Júlio César inicia a sua obra da seguinte forma "Entregue aos cônsules a carta de César, foi a muito custo e graças aos enormes esforços dos tribunos da plebe que deles se conseguiu fosse ela lida no Senado, mas foi impossível que da leitura se passasse à discussão das propostas em plenário."[1]. Essas palavras, narradas em terceira pessoa, abrem o *Bellvm Civile*[2], a obra foi escrita por César, muito provavelmente entre os anos de 49 e 47 a.C, numa composição progressiva, não havendo consenso sobre a data exata da sua composição e publicação[3]. Ela narra o conflito travado com Cneu Pompeu Magno, dividida em 3 livros, no qual cada um descreve uma campanha: O primeiro, com oitenta e sete capítulos, descreve os motivos que levaram César a pegar em armas, sua tentativa de impedir a saída de Pompeu para a Ilíria, o conflito com os marselheses e as tropas pompeianas na Hispânia; o segundo, com quarenta e quatro capítulos, narra o cerco a Marselha, a rendição das tropas leais a Pompeu na Hispânia Ulterior e a derrota de Curião na África pelo rei Juba; o terceiro e último livro, com cento e doze capítulos, descreve as políticas e eleição de César ao consulado em 48 a.C, assim como a campanha na Grécia e a debandada do exército inimigo, culminando no assassinato de Pompeu e o início da Guerra Alexandrina[4].

A obra, o seu contexto da produção e o seu autor, constituem o núcleo desta pesquisa. Interessa-nos compreender de que modo o *Bellum Civile* articula uma narrativa que ultrapassa o mero relato memorialístico, construindo simultaneamente um discurso político e uma forma específica de obra de cunho histórico. Em síntese, propomos a seguinte questão: em que medida, a obra ultrapassa o gênero memorialístico e se aproxima de uma prática historiográfica? Partindo assim para analisar as estratégias discursivas e as intenções implícitas e explícitas do autor , buscando entender quais efeitos ele buscou obter perante os seus leitores. Essa abordagem exige considerar quem escreve, para quem escreve, com quais

---

[1] Estaremos utilizando essa versão da obra: CÉSAR, Caio Júlio. A guerra civil. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / Humanitas, 1999. Todas as referências à obra serão feitas da seguinte forma: CÉSAR, *BC*, x.[x].x, p. xx.

[2] Para a tradução de certos termos da língua latina, estaremos utilizando como referência: REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 512.

[3] WISEMAN, T. P. Caesar, Pompey and Rome, 59–50 B.C. In: CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). *The Cambridge Ancient History. Volume IX: The Last Age of the Roman Republic, 146–43 B.C.* 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 425.

[4] CÉSAR. A guerra civil, p. 26-27.

recursos retóricos e dentro de quais condições políticas e culturais[5]. Para melhor compreendermos, voltaremos brevemente ao período anterior aos narrados no *Bellvm Civile*[6].

A busca por poder, tanto de César como para os demais personagens desse período, foi um catalisador de tensão que marcou os últimos passos da já cambaleante República romana. A Roma que pertencia a César, Crasso e Pompeu em 59 a.C, dez anos depois, encontrava-se dividida e à beira de uma guerra civil que rivalizaria com o conflito de Mário e Sula, mas o excederia em magnitude e impacto. Os agora ex-aliados, César e Pompeu, posicionaram-se, no entendimento historiográfico moderno, em lados opostos, mas com suas similaridades: César, como define Beard, era "membro de uma velha família patrícia, com um programa político na tradição radical dos Gracos" [7], muito influente entre a população romana, alinhado ao pensamento dos *populares* e que passados 5 anos de proconsulado, acabara de subjugar à Gália celta para os estandartes romanos, matando centenas de milhares e escravizando outros em igual valor [8], carregava consigo a lealdade dos seus veteranos legionários e ansiava mais uma vez candidatar-se ao consulado [9]; Pompeu, então consolidado como comandante e figura central da política romana, havia já conquistado as suas glórias durante as guerras contra os piratas e na vitória sobre o rei do Ponto, Mitridates VI, dispunha de amplo prestígio entre a classe senatorial, próximo aos *optimates* desde os sangrentos dias de Sula [10]. Ambos homens poderosos, com muito prestígio e seguidores e que ambicionavam poder. A rota de colisão, como descrever bem Brandão, decorreu de:

> Um decreto popular de 52 assegurava a César a possibilidade de se candidatar ao consulado para 48 *in absentia*, mas a classe senatorial tratou de se lhe opor aos desígnios. O cônsul de 51, M. Cláudio Marcelo, propôs que César licenciasse o exército, uma vez que a guerra tinha terminado. Pompeio fez passar uma lei em que obrigava os candidatos a magistrados a estarem presentes em Roma, mas não introduziu a exceção a favor de César.[11]

A proposta do Senado, e consequentemente de Pompeu, impediu a César candidatar-se, além de pedir o licenciamento das suas legiões[12], exigindo o seu retorno a

---

[5] ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
[6] Estarei utilizando a abreviatura BC no decorrer do trabalho.
[7] BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma antiga.* 3. ed. São Paulo: Crítica, 2023, p. 273.
[8] Os números refletem estimativas historiográficas antigas e modernas, não havendo dados demográficos precisos e certos.
[9] O tempo definido para poder voltar a exercer o cargo é de 10 anos, tendo sido o seu consulado em 59 a.C.
[10] BEARD, *SPQR*, p. 265-275.
[11] BRANDÃO, José Luís. A primazia de César: do "1º triunvirato" aos Idos de março. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 403.
[12] Possuía ao comando dez legiões. Duas delas foram disponibilizadas pelo próprio Pompeu, nos períodos iniciais da Guerra na Gália.

Roma. Seguir o que pretendia o Senado significava adentrar Roma sem as proteções legais do cargo. Os aliados de César, Marco António e Quinto Cássio Longino, tribunos da plebe tentaram vetar a decisão, que é barrada pelo Senado [13], além de questionar a legitimidade dos atos de César enquanto cônsul, além dos exageros cometidos na Gália, tendo sempre como seu persistente crítico e eterno censor Catão[14]. Chegamos então ao momento narrado por César, no início de nossa introdução: quando os seus aliados fazem a tentativa que a sua carta fosse lida ao Senado, na qual continha a proposta que ambos, César e Pompeu, licenciarem as tropas.

A pesquisa foi dividida em três capítulos que buscam abordar as diferentes facetas de César e do BC: No primeiro capítulo "César e Roma", descreveremos o contexto político-social que permeia o ambiente Romano do século 1º a.C, como César surge, interage e molda a realidade na qual estava inserido, passando por fatos anteriores a César, sua juventude e vida, que vão culminar na escrita de sua obra; Já no segundo capítulo "César, Autor e Obra", focaremos na obra *BC*, suas características marcantes, *commentarii* e a construção narrativa feita por César na forma de legitimar seus atos, enquanto busca apresentar a sua Guerra Civil; O terceiro e último capítulo, "César e a Construção da História", trata de apresentar e propor essa camada para o *BC*, além do caráter auto propagandístico e memorialístico do gênero *commentarii*, indagando o processo de construção de História por César. Logo, a presente pesquisa não visa descrever os fatos, já existem excelentes trabalhos no campo, qualificados por anos de dedicação, pesquisa e estudo[15], e nem apontar as incoerências entre as diversas fontes que descrevem o período [16]. O objeto deste estudo é suscitar reflexões sobre história, discurso e narrativa presentes na obra e examinar em que medida o *BC*, de Júlio César, pode ser compreendido como uma obra historiográfica e avaliar até que ponto esta ultrapassa o registro memorialístico característico da tradição dos *commentarii* romanos.

Para responder a tais questionamentos, devemos fazer uso de alguns autores para auxiliar na definição de como, teórica e metodologicamente, proceder na análise, e é

---

[13] A decisão de barrar dar-se-á pelo uso do *senatus consultum ultimum*, uma espécie de ferramenta legal para casos excepcionais. Usada em 63 a.C contra Lúcio Sérgio Catilina.

[14] SUETÔNIO**.** *A vida dos doze Césares: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Ótão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano*. Brasília: Senado Federal, 2012, p.

[15] Checar: Canfora (2007), Brandão; Oliveira (2015), Griffin (2009), Sant'anna (2015), Beard (2023) e Crook; Lintott; Rawson (1994) nas referências.

[16] Brutus de Cícero, Vidas Paralelas de Plutarco, As obras de Salústio e A Vida de Doze Césares de Suetônio.

justamente nesse ponto que as reflexões de Veyne[17] oferecem fundamentos essenciais. Quando Veyne afirma que:

> O que chamamos de fonte ou documento é, antes de tudo, um acontecimento, grande ou pequeno: documento pode ser definido como todo acontecimento que deixou, até nós, uma marca material[18]

Pinça o fato, o acontecimento, o narrado [19], fazendo uma equiparação dos itens, expondo assim a inesgotabilidade da fonte, visto que esta configura-se como acontecimento. Logo ao pensarmos no *BC*, buscamos essa perspectiva de acontecimento. Não é correto exaurir a obra ou dela dar-se por definido, todas as dimensões possíveis.

Entender como Veyne propõe esse balanço entre campo factual e trama [20] também é necessário, já que no momento que nos debruçamos sobre o *BC* é necessário estabelecer qual será nossa "trama", nosso recorte, já que ao falarmos sobre como os fatos estão dispostos, é melhor dizer que esse "campo factual" simplesmente o é, cabendo então a nós como pesquisadores ver e distribuir o nosso olhar de forma precisa sobre aquilo que já está presente, formalizando nossa construção, a nossa trama.

A trama, para o *BC*, dar-se-á por meio da colocação dos paralelos, entre o autor e os demais personagens, temas como: virtude, honra, lealdade, legitimidade e autoridade foram instrumentalizados durante a trama. César, ao utilizar-se desses predicados, vai moldar a percepção do leitor. No qual ele esconde-se em uma suposta neutralidade narrativa do gênero *commentarii*[21]. Outro pensamento que utilizamos da obra de Veyne é a crítica ao "objeto naturalizado", já como explicita Veyne ao anunciar que:

> A intuição inicial de Foucault não é a estrutura, nem o corte, nem o discurso: é a raridade, no sentido latino dessa palavra; os fatos humanos são raros, não estão instalados na plenitude da razão, há um vazio em tomo deles para outros fatos que o nosso saber nem imagina.[22]

Tal balançar de ideias nos ajuda a ver as produções de César, claramente inspiradas e dentro de um gênero estabelecido, *commentarii*, porém não sendo o mesmo. Ao pensar sobre as revoluções foucaultianas, Veyne abre portas para entender a fonte (leia-se fato ou

---

[17] VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998, p. 285.
[18] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 54.
[19] Aqui não há uma ideia sobre a dita veracidade dos fatos, mas sim um olhar sobre a sua presença, ausência, diferença, forma ou deformação. Sendo neste caso a escrita do *BC*.
[20] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 42-48.
[21] Tratamos sobre a questão no segundo capítulo.
[22] VEYNE, *como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 239.

acontecimento, no nosso caso a escrita e ambiente de escrita do *BC*) no seu caráter mais único, sendo feita com um propósito específico, daquele autor, para aquele tempo. Peguemos o exemplo de Sula, sabemos que ele também escreveu, uma série de *commentarii*, para nossa infelicidade, nenhuma parte desta obra sobreviveu até os dias de hoje; o ponto de reflexão que queremos expor ao falar do objeto naturalizado é o fato de Sula ter escrito a sua obra durante os seus anos finais de vida 79-78 a.C, após sua renúncia ao cargo de ditador. César por outro lado escreveu os seus *commentarii* provavelmente entre os anos 49-47 a.C, no auge do conflito, sem a definição do próprio futuro, sem ter assegurado a vitória completa, com os seus leitores - sendo eles da elite senatorial ou de outras camadas letradas da população - com influência real sobre os rumos da vida política nas colinas de Roma.

Ambos, Sula e César, escreveram dentro de um mesmo gênero, mas equiparar ou fazer disso objeto naturalizado, reduz a possibilidade de análise, como uma viseira e/ou lente colocadas no pesquisar pela ordinariedade e banalidade do fato, diminuindo ou embaçando a nossa vista. Como aponta o autor ao falar que:

> julgar as pessoas por seus atos não é julgá-las por suas ideologias; é, também, não as julgar a partir de grandes noções eternas - os governados, o Estado, a liberdade, a essência da política - que banalizam e tornam anacrônica a originalidade das práticas sucessivas.[23]

Essa relação de individualidade é colocada junto à definição de objeto em relação à prática, como sendo:

> cada prática, tal como o conjunto da história a faz ser, engendra o objeto que lhe corresponde, do mesmo modo que a pereira produz peras e a macieira maçãs; não há objetos naturais, não há coisas. As coisas, os objetos não são senão os correlatos das práticas. A ilusão do objeto natural ("os governados através da história") dissimula o caráter heterogêneo das práticas[24]

Podemos e devemos pensar o nosso objeto (César e o *BC*) como uma construção das práticas (relações, percepções, aceitação) que ocorrem dentro de uma temporalidade, cultura, localidade, símbolos e atribuições de sentido específicos daquela localidade (Roma na década de 40 a.C.). Claro que, ao analisarmos a obra de Veyne tornam-se evidentes certas discordâncias quanto ao posicionamento do autor dentro de determinadas temáticas, sendo que a principal, ao meu ver, é a negação existencial de ideologia "Em uma palavra ou em

---

[23] VEYNE,*Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 238.
[24] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 256.

cem, ideologia é coisa que não existe"[25]. A negação completa desse conjunto de ideias e significados, mesmo que corrobore alguns pontos já estabelecidos, mostra-se drástica demais. É correto ver o ato, fato, como próprio de suas práticas, mas definir como sendo completamente isolados pode vir a empobrecer a análise final.

Ao pensar o BC de César como obra que não apenas registra fatos, mas constrói uma narrativa histórico-política com propósitos específicos, é fundamental recorrer às reflexões de Orlandi. A autora compreende a leitura não como mera decodificação, mas como processo histórico e social no qual "tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente".[26]

Essa perspectiva nos permite entender a escrita de César como produção de sentidos que não se esgota no texto em si, mas que se constitui na relação entre autor, leitor e contexto histórico. Segundo Orlandi, "o leitor não interage com o texto (relação sujeito e objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.)" [27]. Assim, a narrativa cesariana já prevê um "leitor virtual" — a elite política de Roma — para quem o texto é estrategicamente construído, estabelecendo uma relação de cumplicidade e persuasão. César sabe para quem escreve, assim como tem noção de que forma ele pôde por meio da escrita, alcançar o que ele almejou. Todos os simbolismos e construções morais que são construídos durante a obra, ainda que com um ar de despretensão advém do conhecimento do seu autor de si e sobre seu micro e macro cosmos.

Ao problematizar a noção de legibilidade, Orlandi questiona:"Bem escrito para quem? Legível para quem?"[28]. Aplicando isso ao BC, percebemos que a clareza e a objetividade aparentes não são qualidades neutras, mas resultados de escolhas narrativas que visam um público específico e um efeito político determinado. Outro ponto relevante é a noção de incompletude do texto, articulada ao implícito e à intertextualidade, segundo a qual o sentido vai ser articulado e produzido também com os diálogos entre outros textos e outros sujeitos. No caso de César, seu discurso dialoga tanto com tradições historiográficas e literárias romanas quanto com a produção literária de seus adversários - como no caso de Cícero - construindo um campo de disputa simbólica.

Do ponto de vista discursivo, o texto de César se aproxima do tipo polêmico descrito por Orlandi — aquele que mantém "um equilíbrio tenso entre polissemia e paráfrase" [29]—

---

[25] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 262.
[26] ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 8.
[27] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 9.
[28] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 8.
[29] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 25.

pois, embora busque impor uma interpretação dominante dos eventos, deixa espaços controlados para interpretações alternativas, reforçando sua credibilidade perante a elite leitora. César, cria lacunas nas quais o leitor pode preencher, e assim se utiliza das bases canônicas e morais do leitor para encaminhá-lo para uma resposta sem estar presente para coagir quem lê. Orlandi então nos ajuda a pensar as significações do BC como não são fixas, mas fruto das condições de produção da obra e de suas leituras, como também aponta Veyne. Essa concepção permite observar como César reorganiza o gênero dos *commentarii*, transformando-o em instrumento histórico e político, cuja recepção foi moldada por tensões e interesses específicos da República Tardia.

Iremos, no seguinte capítulo, pincelar um pouco do ambiente político-histórico que envolve o nosso autor, Júlio César, com uma pequena descrição dos eventos que o precederam assim como a sua subida ao poder, a aliança com Pompeu e Crasso, seu proconsulado na Gália, a escrita do *Bello Gallico* e os eventos que precedem o início da Guerra Civil.

2. CÉSAR E ROMA

2.1 UMA ROMA DE MÁRIO E SULA

Após o fim das Guerras Púnicas e a queima de Cartago, Roma tornou-se a figura hegemônica no mediterrâneo, não havendo forças que pudessem rivalizar com o crescente poder da República Romana [30]. Com o início do século 1 a.C, intensificaram-se as expansões, agora indo da Península Ibérica até a Síria, e com o crescimento de Roma, os conflitos e disputas por poder também floresceram.

Temos como exemplo dessa ebulição a revolta dos povos aliados de Roma na Itália — que tanto foram importantes nas suas conquistas fora da Península Itálica — e que revoltam-se devido a desigualdade e opressão dos romanos, levando a sangrentas batalhas por diversas regiões da Itália central e meridional. Conflito que ficou conhecido como Guerra Social. Dessa guerra contra os povos itálicos, duas figuras surgiram no cenário político de Roma; Caio Mário (155 a.C - 86 a.C) e Lúcio Cornélio Sula (138 a.C - 78 a.C), ambos homens fortes, que haviam alcançado o prestígio militar e político. Tanto Mário quanto Sula estavam inseridos na dinâmica de *populares* e *optimates*. O "conflito entre as ordens" ou "conflito patrício-plebeus" é um dos embates fundacionais de Roma, como expõe Sant'anna [31]. A diferenciação vem das primeiras famílias, *gens*, que traçavam sua linhagem até os primeiros ocupantes das colinas de Roma, em principal o Palatino e a numerosa plebe que buscava representação política e decisória.

O conflito entre *populares* e *optimates* é importante para entendermos que a divisão política em Roma não é homogênea, muitas vezes figuras importantes vindas de famílias antigas - o próprio César como exemplo - vão se identificar como *populares*. A plebe, em muitos momentos, recusou-se a ir para guerra enquanto suas reivindicações não fossem atendidas; já os *optimates* buscavam angariar apoio e votos através de festivais, jogos e outras estratégias. Queremos mostrar que o conflito em Roma é muito mais diverso e político do que muitas vezes podemos crer.

Os plebeus vão conseguir espaço político por meio do Tribuno da plebe, cargo que possibilita o poder de veto para as decisões do Senado, algo importante para o conflito de

---

[30]BEARD, *SPQR*, p. 205-247.
[31]SANT'ANNA, Henrique Modanez de. *História da república romana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015, p. 29-33.

César e Pompeu. Mesmo que o direito à magistratura tenha sido alcançado entre os plebeus [32], Roma vai continuar dividida, tornando-se uma "oligarquia plutocrática patrício-plebeia"[33] cheia de conflitos entre as ordens, com mortes, linchamentos e atritos para ambos os lados[34].

Caio Mário, membro dos *populares*, ascendeu por meio das suas proezas no campo de batalha — na guerra contra Jugurta, na defesa do Lácio contra invasores e durante os tumultuosos dias da Guerra Social — ascendeu politicamente sobretudo por suas vitórias militares e sucessivos consulados[35]. Também implementou reformas militares — Reformas Marianas — que profissionalizaram o exército romano[36]. O seu grande adversário, mais jovem, foi Sula - membro dos *optimates* - que vai sob o comando de Mário durante a guerra contra contra o reino númida, capturar Jugurta e mostrar uma incansável persistência e grande aspiração ao poder, além de atuar sob comando de Mário nos conflitos contra os itálicos na Guerra Social.

Sula, por sua vez, vai galgar diversos cargos até chegar a cônsul em 88 a.C, quando o conflito contra o rei do Ponto, Mitríades VI (134 a.C - 66 a.C), eclodiu. Sula é assim apontado pelo Senado para guerrear contra Mitríades e retomar o controle das províncias da Grécia e Ásia. Entretanto, devido sua aproximação com os *optimates*, o Tribuno da Plebe Públio Sulpício Rufo (121 a.C - 88 a.C) tenta retirar o comando de Sula em favor de Mário, então com sessenta e nove anos e com saúde debilitada[37]. Sula, com parte de suas tropas já reunidas, marcha para Roma, toma a cidade e mata grande parte dos seus opositores, Sulpício entre eles. Muitos dos *populares* leais a Mário conseguem escapar, assim como o próprio Mário, partindo em retirada para a África. Estabelecido no poder, Sula logo embarca com seu exército à Grécia e após sua saída, Mário e seus aliados retornam a Roma, declarando o comando de Sula ilegal. Mário morre logo em seguida em 86 a.C.

Já no Oriente, feita a paz com o reino do Ponto, Sula voltará para a península italiana em 83 a.C. e combaterá por mais dois anos o restante das forças rivais, dando fim aos seus opositores entre os *populares* e começando "um período de terríveis proscrições, não

---

[32]Sendo os primeiros magistrados os tribunos da plebe - apenas dois no seu início - fazendo contraste com os tribunos militares patrícios.

[33] ROLDÁN, 1981, p. 85, apud RODRIGUES, Nuno Simões. *Dos "conflitos de ordens" ao Estado patrício-plebeu*. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 90.

[34] Cabe citar o exemplo apresentado pelos irmãos Tibério e Caio Graco.

[35] GRIMAL, Pierre. História de Roma. Tradução de Maria Leonor Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 93.

[36] GRIMAL, História de Roma, p. 176.

[37] MANTAS, Vasco "Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula", In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 313–352.

anárquicas e descontroladas como até aí, mas cuidadosamente preparadas e publicadas no fórum, em listas disponíveis para consulta pública."[38].

2.2 CURSUS HONORUM, TRIUNVIRATO E PRIMEIRO CONSULADO

A juventude de Caio Júlio César coincide com o período ditatorial de Sula. A primeira aparição do jovem César na vida pública foi aos 17 anos, quando o então cônsul, Lúcio Cornélio Cinna (130 a.C - 84 a.C) o designou como *Flamen Dialis* (sacerdote de Júpiter) e firmou o casamento de sua filha, Cornélia, com César [39] em 83 a.C. Com a volta de Sula e a derrota das forças Marianas, César, sobrinho do falecido Caio Mário, foi adicionado às listas de proscrições, tendo que deixar seu cargo e esposa para não ser morto. Fugiu para a província da Ásia, servindo sob o comando de Marco Minúcio Termo e depois na Cilícia com Públio Servílio Isáurico. Durante seu período no Oriente teve diversas vitórias diplomáticas e como comandante de tropas, algo notável para alguém tão novo. Retornou para Roma apenas após a morte do "aposentado" ditador em 78 a.C [40]. Fez sua carreira política — e religiosa — de acordo com o *cursus honorum* romano, como bem apresenta Brandão:

> Fez a carreira das honras com sucesso e à custa de liberalidades: na eleição para tribuno militar (em 72) ficou em primeiro; foi questor (em 69) e depois também pretor (em 61) na Hispânia Ulterior, onde estabeleceu uma rede de relações. Já como edil (em 65) ofuscara o colega, Bíbulo, concentrando em si o mérito da munificência. O fato de ser cético não era impedimento pessoal ou legal para os cargos religiosos: é *flamen Dialis* (em 87), integra o colégio dos pontífices (em 73) e, sobretudo, é eleito pontífice máximo (em 63) contra adversários poderosíssimos.[41]

Com essa alçada ao poder, juntou-se a duas figuras proeminentes em Roma , Marco Licínio Crasso (115 a.C - 53 a.C.) e Cneu Pompeu Magno (106 a.C - 48 a.C). Crasso já possuía certa relação com César, auxiliando-o na parte financeira, saldando dívidas e por vezes o patrocinando, enquanto Pompeu aproveitou o período da ditadura de Sula, a quem era próximo para assim garantir diversas vitórias militares, rendendo a ele o nome de Magno (O Grande). Assim, em 60 a.C, os três formaram uma aliança informal para a candidatura ao consulado do ano seguinte — no qual César seria eleito cônsul junto a Marco Calpúrnio

---

[38] MANTAS, Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula. In: BRANDÃO;OLIVEIRA (coords.). *História de Roma Antiga.* 2015, p 349.
[39] BADIAN, Ernst. From the Iulii to Caesar. In: GRIFFIN, Miriam (ed.). *A Companion to Julius Caesar*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 16.
[40] CANFORA, Luciano. *Julius Caesar: the people's dictator.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007, p. 3-5.
[41] BRANDÃO, José Luís. A primazia de César: do "1º triunvirato" aos Idos de março. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p. 390-391.

Bíbulo (102 a.C. - 48 a.C.) — formando o que foi conhecido como o primeiro triunvirato [42]. Dessa forma, segundo Morais:

> O pacto celebrado entre estes três homens, qualificado por Tito Lívio como de 'conspiração permanente', era, na verdade, irresistível: unia a imensa popularidade de Pompeio, à riqueza de Crasso e a habilidade política e inteligência de César.[43]

A relação entre Pompeu e César estreitou-se ainda mais quando, em 59 a.C, firmaram uma aliança pelo casamento, com Pompeu casando-se com Júlia, filha de César. Os três, repartiram entre si os cargos e províncias, César vai ter para si a Gália, a qual conquistou. Pompeu governou as províncias da Hispânia por delegação, enquanto permanecia em Roma. Crasso, por sua vez, ficou com a Síria, onde encontrou seu fim na luta contra o Império Parta em 53 a.C.[44]

Durante o consulado em 59 a.C, Bíbulo, eleito cônsul com César, tomou a posição de opor e travar todas as reformas pretendidas por seu adversário, dá-se esse antagonismo pelo fato de Bíbulo e seus apoiadores terem sido ferrenhos adversários políticos de César, críticos ao cesarismo e aos *populares*, Catão especialmente. César no BC não esconde o asco em relação ao senador adversário, ao retratá-lo como um resmungador tedioso, lamentando-se de ter sido abandonado por Pompeu:

> [30] 5. Quando estava quase tudo pronto, ao tomar conhecimento da chegada de Curião, põe-se a lamentar em assembléia que tinha sido abandonado e traído por Pompeu, que na maior das improvisações, tinha empreendido uma guerra desnecessária e que, interrogado por ele e outros no Senado, havia assegurado que tinha organizado e preparado tudo para a guerra. Após essas lamúrias em público, fugiu da província.[45]

No primeiro momento César aprovou leis que visavam o benefício da sua base de apoio, os *populares*: uma lei para que todos os editos do Senado fossem escritos, assim como da assembléia popular; e propostas de legislações agrárias. Para dificultar o trâmite no Senado, seu cônsul rival declarou um "período sagrado", no qual o próprio ato de fazer lei, reuniões ou debates não seria de bom augúrio. A estratégia apresentou-se ineficiente e César levou a questão para a votação popular. Bíbulo então invadiu a votação tentando discursar contra às reformas propostas por César [46], mas acabou sendo expulso pela turba. O golpe foi

---

[42] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 63-69.
[43] MORAIS, Rui. De Sula ao "1º triunvirato": o legado de Crasso e Pompeio Magno. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, p 382.
[44] MORAIS, *De Sula ao "1º triunvirato"*, p. 383.
[45] CÉSAR, *BC*, I.[30].5, p. 77.

[46] As leis propostas durante o consulado de 59 a.C, são em sua maioria de caráter popular e agrário, voltadas aos fazendeiros e legislações voltadas a coagir a corrupção dentro da administração provincial.

tamanho para a sua imagem que acabou passando a maior parte do seu período como cônsul na sua casa.[47]

2.3 A GUERRA NA GÁLIA E INÍCIO DA GUERRA CIVIL

César, ao final do seu consulado garantiu para si o proconsulado da Gália Cisalpina, e foi para lá com anseios maiores do que a simples estada administrativa de cinco anos. A Gália era uma região que assustava o imaginário romano desde o infame saque de Roma em 390 a.C. César observa e aguarda a oportunidade para engenhar um conflito em larga escala, embora soubesse que a expansão territorial não fazia parte das atribuições do seu proconsulado.[48]

A oportunidade surge com as migrações dos Helvécios, povo que durante a sua migração causou muita devastação para os povos amigos de Roma. A Guerra na Gália, na verdade, consiste em vários pequenos conflitos ocorridos ao longo de dez anos, uma guerra juridicamente ambígua e politicamente contestada, mas o sucesso da expedição e "pacificação" romana da província acabaram por nublar muitos dos críticos. Temos como as principais campanhas: contra os Helvécios (58 a.C); contra os Germanos na sua tentativa de cruzar para a província da Gália (57 a.C); contra os Belgas (57 a.C); Os Vênetos (56 a.C); As duas expedições para a Britânia (55 a.C e 54 a.C) no intuito de dissuadir os povos da ilha de apoiar os seus aliados no continente; As revoltas Gaulesas, marcadas pelas primeiras derrotas das tropas cesarianas (54-53 a.C); e por fim o embate com a confederação gaulesa liderada por Vercingétorix, que impôs severas dificuldades para César, mas encontrou o seu fim durante o famoso cerco de Alésia culminado com sua rendição ao general romano (52 a.C)[49].

Nesse meio tempo, a aliança feita por César, Pompeu e Crasso ganhou mais um capítulo em 56 a.C, ou melhor dizendo "uma renovação". No encontro de Luca os três entram de acordo para definir quais serão os próximos passos a serem tomados pelo Triunvirato, ficando acordado que Pompeu e Crasso seriam os cônsules do ano seguinte (55 a.C), que o proconsulado de César na Gália iria ser prorrogado para mais 5 anos, e os proconsulados de Pompeu e Crasso já definidos, ficando respectivamente com as províncias da Hispânia e da Síria.

---

[47] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 79.
[48] BRANDÃO, *A primazia de César*, p. 389-390.
[49] BRANDÃO, *A primazia de César*, p. 396-401.

O proconsulado da Gália, segundo Plutarco, vai alterar a figura de César, alçando um patamar comparável "com os Fábios, Cipiões ou Metelos" [50] o de vitorioso general. Plutarco também vai apresentar, na sua biografia de César em *Vidas Paralelas*, esse momento de mudança do próprio César:

> XV. 1. Estes são pois, segundo se diz, os acontecimentos que precederam os feitos relativos à Gália. 2. O tempo das guerras que empreendeu e das campanhas com que subjugou a terra dos Celtas, como se estivesse a tomar outro começo e a enveredar por um outro caminho da vida e de novas realizações, demonstrou que ele como soldado e comandante não cedia a palma a nenhum dos que são bastante admirados pelos comandos e que se tornaram grandiosos.[51]

A mudança tanto em Roma como para o restante das províncias dá-se, como apresenta Canfora, pela alteração do capital político de César já que "With the campaign in Gaul everything changes, including – and this is the most important thing – the social reference points of Caesar's political behaviour: the army now replaces the plebs urbana." [52]. A afirmação de Canfora abre espaço para pensarmos na transformação: César político dá lugar ao César general. Isso é significativo porque após as campanhas na Gália, César adquiriu capital militar, tendo ao final do seu mandato dez experientes legiões, que ele cuidou bem de premiar com os espólios da Gália. Como apresenta Brandão:

> Terminada a conquista da Gália, foi estabelecida a relação entre o estatuto de cada povo e Roma, o que, no conjunto, rendia uma soma de 40 milhões de sestércios por ano em impostos. César pôde restaurar a sua fortuna e recompensar abundantemente os soldados, assegurando a sua fidelidade. Recompensou os agentes. Comprou o terreno para a construção do novo foro em Roma. Construiu monumentos nas províncias. Enorme quantidade de ouro dos tesouros da Gália afluiu a Roma. César talvez não pudesse tornar-se ditador de Roma se primeiro não tivesse subjugado a Gália, campanha que lhe garantira não só incontáveis riquezas, mas também um incomparável exército devotado.[53]

Após todas essas conquistas, César havia crescido em poder e influência, e a antes forte aliança, começou a ruir. O primeiro golpe veio com a morte de Crasso na guerra contra os partos em 53 a.C, desbalanceando o triângulo de poder formado. Outro fato que veio corroborar com o enfraquecimento da amizade entre os dois generais é o caldeado cenário político de Roma. Públio Clódio Pulcro (93 a.C à 52 a.C), uma das lideranças *populares*, muito feroz na suas campanhas e posicionamentos (responsável pelo exílio de Cícero pelos

---

[50] PLUTARCO. *Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego; introd. e comentário de Silva e Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Recurso digital. p. 241.
[51] PLUTARCO, *Vidas Paralelas – Alexandre e César*, p. 240.
[52] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 91.
[53] BRANDÃO, *A primazia de César*, p. 401.

atos do mesmo durante o julgamento de Catilina), foi assassinado na via Ápia por uma turba de opositores[54]. O senado então colocou Pompeu como "cônsul sem colega" [55], para evitar que a ele fosse dado o cargo de ditador [56]. A decisão, por si só, demonstra a instabilidade política que Roma vivia. Elevar Pompeu a ditador criaria um ambiente de disputa, contudo a decisão não evitou que atrito com César ocorresse, visto que até o momento todas as decisões políticas acerca dos próximos cônsules, proconsulados e outras políticas de estado, haviam sido feitas em conjunto.

César também estava desde alguns anos do seu comando na Gália sofrendo com as pressões dos seus adversários políticos. Como aponta Canfora[57], ao citar Marco Cláudio Marcelo, cônsul em 51 a.C, o qual propôs que César licenciasse suas tropas antes do término do seu proconsulado, numa clara tentativa de que, ao fim do mandato, César não dispusesse de um grande contingente de legiões leais. Durante esse período em que Pompeu era único cônsul, ele permitiu que a campanha para o consulado fosse feita *in absentia*, porém logo após promulgou uma lei que obriga os candidatos de estarem presentes em Roma para as eleições; e quando foi questionado sobre a decisão, que prejudicava o seu aliado da Gália, afirmou ter havido um esquecimento. Também durante esse período, o Senado, no momento mais próximo a Pompeu, passou uma lei de recrutamento para toda a região da Itália, César, por sua vez, usou essa premissa como uma permissão para conduzir o seu próprio recrutamento na Gália Cisalpina, ambos pareciam perceber a chegada iminente do conflito.

César temia que, ao licenciar suas tropas, poderia vir a sofrer com a perseguição dos seus adversários, agora sem a proteção jurídica garantida pelo cargo. Insistindo então para que ambas as partes abrissem mão dos recrutamentos e licenciassem as tropas. Pompeu e seus novos aliados não acreditavam que César tomaria o mesmo caminho que Sula, levando para campo as suas tropas e entrando com um exército em Roma, mas o crescimento da tensão entre os ex-aliados — agora rivais — parecia crescer a cada instante.

Com a eleição de 49 a.C, dos cônsules Gaio Marcelo e Cornélio Lêntulo Crure, inimigos e opositores de César, a situação se agravou. Sem chegar em uma solução e tendo os vetos dos tribunos da plebe sendo rechaçados pelo s*enatus consultum ultimum*, os tribunos Marco António e Quinto Cássio Longino, assim como Curião fogem para Ravena, local onde

---

[54] Tito Ânio Papiano Milão (95 a.C á 48 a.C) foi, junto a Cícero, um dos condenados pela morte de Catilina, mas diferente de Cícero que conseguiu a absorção, foi condenado ao exílio em Marselha, onde se uniu durante a guerra civil contra César quando acabou sendo morto em 48.
[55] BRANDÃO, *A primazia de César*, p. 402.
[56] Cargo romano utilizado em momentos de crise e que concentrava o poder nas mãos de um só cidadão.
[57] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 127-136.

César estava estacionado com parte da sua tropa. O general decide cruzar o Rubicão, fronteira da qual exércitos não eram permitidos, iniciando assim a guerra civil entre César e Pompeu.[58]

2.4 O *BELLO GALLICO*

Um aspecto importante, que não nos pode passar despercebido, é a escrita da obra irmã do BC, o *Bello Gallico*[59]. Há certas similaridades quando falamos da escrita do *BG* e *BC*. A perspectiva em terceira pessoa continua, a linguagem direta e com o uso de poucos ou nenhum adereço, a sobriedade dos fatos. Contudo, César em *BG* é menos político. A forma como ele representa as interações com os povos bárbaros é mais contida. Dividido em oito livros, sendo sete escritos por César e o oitavo e último sendo compilado por seu tenente Aulo Hircio, posteriormente aos livros cesarianos narra os eventos dos conflitos da Gália entre 58 a.C à 52 a.C.[60]

O *BG* apresenta um dos únicos relatos dos conflitos de César na Gália, sendo muito provável que ele escreveu os seus livros durante as campanhas. Os relatos presentes na obra são curiosos e colocam César como o locutor de uma realidade regional, com suas características próprias:

> **L** - [...] Ao pôr do sol reconduziu Ariovisto as tropas e quartéis, depois de causado e recebido muito dano. Inquerindo dos cativos o motivo por quê Ariovisto não aceitava a batalha, soube Cesar ser costume entre os germanos declararem as mães de família por meio de sortilégios e vaticínios, quando convinha ou não dar batalha; e diziam essas: "Não ser permitido aos germanos vencer se antes da lua nova a dessem."[61]

A interações de César com os povos germânicos e celtas mostram a nós que, embora o general retrate-os com estranheza, esses encontram-se inseridos dentro das dinâmicas romanas, não sendo inertes aos acontecimentos políticos ou a posição do próprio César perante o Senado. Como é retratado na fala Ariovisto [62] em seu diálogo com César antes do conflito:

> **XLIV** - [...] Que esta Galia era província sua, bem como aquela outra nossa; e assim como lhe não devia ser permitido invadir nossas fronteiras, assim também éramos

---

[58] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 141-147.
[59] Que a partir desse momento iremos nos referir apenas como BG.
[60] KRAUS, Christina S. Bellum Gallicum. In: GRIFFIN, Miriam T. (org.). *A companion to Julius Caesar*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 159-175.
[61] C. JÚLIO CÉSAR. *Comentários (De Bello Gallico)*. Tradução de Francisco Sotero dos Reis. São Paulo: Edições Cultura, 1941. Edição digital: eBooksBrasil, 2001, p. 66.
[62] Ariovisto (101 a.C. à 54 a.C.), chefe do povo germânico dos suevos, aparece no livro Primeiro do BG ao cruzar o Reno em direção à Gália.

> injustos intrometendo-nos em sua jurisdição - quanto a serem os heduos apelidados irmãos pelo Senado, **não era ele tão bárbaro e inexperiente do que ia pelo mundo** (grifo próprio), que não soubesse que nem os heduos auxiliaram aos romanos na guerra contra os alobroges, nem os romanos aos heduos na que estes com ele e os sequanos tiveram - Que o ter Cesar exército na Galia com capa de amizade, suspeitava ser para oprimi-lo, e se dali se não retirasse com o exército, havia tê-lo em conta, não de amigo, mas de inimigo; **pois faria, se o matasse, coisa agradável a muitos nobres e principais de Roma, como sabia dos mensageiros que lhe os mesmos enviaram, e podia com isso comprar a proteção e amizade de todos eles:** (grifo próprio) - ele porém, se Cesar se retirasse, deixando-lhe a livre posse da Galia, havia remunerá-lo, fazendo sem trabalho nem risco do mesmo Cesar todas as guerras que quisesse feitas.[63]

César, apresenta-nos uma Gália além dos moldes bárbaros, porém sempre apresentando-os como sendo diferentes. Ele, durante a sua escrita, utiliza-se pouco da *clementia* (virtude amplamente utilizada por César no *BC*) para com seus inimigos, narrando suas vitórias e não escondendo o grande número de mortes causadas durante suas campanhas. Canfora apresenta que, mesmo durante o período, a campanha de conquista da Gália foi entendida como uma guerra não provocada e que no contexto político-militar não apresentava real ameaça, levando então ao massacre de cerca de um milhão de pessoas, com mais um milhão sendo escravizado, o que levou a província recém anexada a uma gradual substituição da população gálico-celta para a população gálico-romana, e que os historiadores do período "Pliny and Plutarch agree that it was an act of genocide[64] of monstrous proportions."[65]

Nosso foco agora se volta para a obra que orienta nossos questionamentos: o BC. Assim buscamos analisar a obra e a escrita de César, observar como ela se encaixa no gênero *commentarii*, além de questionar de que modo ele constroi a sua narrativa para além do aspecto propagandístico.

---

[63] CÉSAR, *Comentários (De Bello Gallico)*, p. 63-64.
[64] O termo genocídio é anacrónico do ponto de vista conceitual, sendo considerado o seu uso por Canfora como metafórico-retórico.
[65] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 118-119.

3. CÉSAR, AUTOR E OBRA

3.1 A OBRA E SEU GÊNERO

Quando falamos sobre os escritos de César, é necessário ter em mente conceitos já bem preestabelecidos. César nunca foi alheio aos campos de batalha que ele enfrentou durante a sua vida — sejam os militares, políticos ou semânticos — logo enclausurar o *BG* e o *BC* como meros recortes memorialísticos não corresponde ao que apontam as discussões linguístico-historiográficas atuais[66]. Outro ponto de quebra é a própria ideia do que é o gênero *commentarii*, Fornara, por sua vez, afirma que "*Commentarii* properly denoted something written for personal use, to refresh the memory or to establish a functional record to subserve the composition of a more finished work"[67]. Uma produção memorialística, que buscava "fornecer" material para historiadores, e que difere do gênero biográfico grego — *hypomnemata* — como continua Fornara:

> The generic differences separating Caesar's work from the political autobiographies (hypomnemata) of his predecessors leap to the eye. The Gallic Wars is obviously not a running account of Caesar's political career offering analysis, explanation, or overt justification. The subject is not Caesar (formally) but the conquest of Gaul; it is the stuff of a potential full-dress war monograph.[68]

A luz da definição de Fornara para quem "formalmente, o assunto não é César" [69]. Ele, não se apresenta formalmente como foco explícito, embora organize toda a narrativa em torno de sua ação. Os eventos ocorrem com uma clara ligação, porém, César, na figura de general e de autor, durante o processo narrativo parecem tomar caminhos distintos, já que existe uma certa aura de neutralidade que percorre a escrita de César. A definição, dada por Fornara, é importante, entretanto é necessário duvidar deste "objeto naturalizado" [70], entendendo a criação de sentido próprio dado por meio do autor à sua obra. Esse "estranhamento" não é particular de análises modernas. Contemporâneos à César relatam o seu conhecimento para com a arte da oratória e como ele distingue-se entre os demais. O principal relatos vem do próprio Cícero, no seu Brutus ao afirmar que:

---

[66] Verificar: Grillo (2017), Grillo;Krebs (2017), Peer (2015) e Riggsby (2006) nas referências.
[67] FORNARA, Charles William. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1983, p. 181.
[68] FORNARA, *The nature of history in ancient Greece and Rome*, p. 181.
[69] Tradução própria.
[70] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 256.

> [261] César, porém, recorrendo a um princípio racional, corrige o vicioso e deteriorado uso com o uso puro e íntegro. Por isso, por um lado, a essa elegância dos termos latinos — que, no entanto, é necessária, embora orador não seja mas seja um livre cidadão romano — acrescenta os ornamentos da linguagem oratória; por outro lado, é como se colocasse as telas bem pintadas em boa luz. Enquanto obtem esse mérito notável entre as qualidades comuns, não vejo a quem deva ceder. Possuiu um método oratório esplêndido e que não se resume à experiência, e também de certo modo magnífico e nobre na voz, no movimento, na forma.[71]

Cícero continua, reforçando agora a escrita de César:

> [262] Bruto, então: — Sim, seus discursos me agradaram muito. Li, porém, só alguns; e ele também escreveu alguns comentários sobre seus feitos. — São realmente louváveis, acrescentei. Com efeito, são desnudos, simples e elegantes, como se fosse retirada a veste de todo ornamento do discurso. Mas, ao desejar que estivesse à disposição de outros os elementos donde possam se apropriar os que quiserem escrever história, fez talvez um bem aos ineptos, que desejarão frisá-los com calamístros; é verdade que homens sensatos dissuadiu de escrever; com efeito, nada é mais agradável em história que a pura e clara brevidade. Mas, se lhes apraz, voltemos àqueles que deixaram a vida.[72]

Olhemos com um pouco mais de atenção para alguns trechos específicos. Ao caracterizar os escritos de César como "desnudos, simples e elegantes, como se fosse retirada a veste de todo ornamento do discurso". Cícero não apresenta César como um autor de memórias próprias, preocupado em autopromover-se e fazendo do *BC* simples peça propagandística. Há sutileza entre as palavras de César: uma sutileza breve, "supostamente" desapropriada de lados, visando uma clara neutralidade factual — aqui há uma divisão entre César autor e general. Isso se articula com a definição genérica apresentada por Fornara para *commentarii*, quando Cícero afirma que a escrita cesariana é completa por si só, sem a necessidade de um retrabalho posterior. Da mesma forma Batstone conclui que a escrita cesariana:

> Caesar's text works by using word choice, subordination, reference, and narrative, together with omission, totalization, perspective, contextualization, and selection to tell a story through which we see not Caesar, but Césarité, that peculiar combination of Olympian perspective and totalized closure ("All Gaul ..."), distanced understanding and improvisational success, ruthless vengeance and well-known clemency, extraordinary energy and bureaucratic detail. It is a voice that speaks for history and for Rome, for the centurion and the enemy, but it is a voice and a

[71] ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 163-164.
[72] ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014, p. 163-164.

> narrative that always imposes Césarité, the totalizing force that protects our boundaries and monumentalizes our virtues.[73]

Criando assim um corpo de escrita que infere e se apresenta como sendo reprodutor do fato, através de uma construção intencionalmente neutra, que leva o leitor pela mão à essa conclusão.

3.2 PERSONAGENS NA OBRA DE CÉSAR

César, na sua figura de autor, apresenta método ao escrever, como bem descreve Grillo[74] na sua pesquisa , na qual ele procura apontar os pontos de pressão presentes na obra, que questionam essa neutralidade e apontam para o uso desse discurso, que baseia-se não somente no conhecimento técnico do autor, mas no seu domínio sobre um conjunto de preceitos morais intrinsecamente romanos. Tomemos como exemplo o trecho:

> [7] 1. Informado desses acontecimentos, César profere um discurso perante a tropa. traz-lhe à memória as injustiças que os inimigos lhe fizeram ao longo do tempo; queixa-se de que eles, por inveja e desejo de denegrir sua honra, tenham influenciado e desencaminho Pompeu, a quem sempre favoreceu e ajudou na conquista de honras e dignidades.[75]

Nessa passagem, César declara (sempre na terceira pessoa) aos legionários da décima terceira legião, que a sua honra e dignidade haviam sido atacados. Ele insiste em denunciar a injustiça que atinge à sua *dignitas* [76] e a quebra de confiança naquilo que ele considerava seu direito . A escrita do *BC* recorre frequentemente a caracterização indireta para assim construir oposições a partir dos elementos semelhantes . Como apresenta Grillo ao falar que:

> This implicit method of characterization, which follows the typical pattern of Caesarian narrative technique, perfectly suits the circumstance of the contest: after all, the defeated Caesar's swift flight from Pompey does not provide the ideal setting to expend grandiose words about victory or to address the straightforward question about who is superior. The text rather yields to "facts" and lets them speak, and the repetition of key words establishes connections which lead to the very conclusion Caesar wants.[77]

---

[73] BATSTONE, William. Caesar constructing Caesar. In: GRILLO, Luca; KREBS, Christopher B. (eds.). *The Cambridge Companion to the Writings of Julius Caesar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 56.
[74] GRILLO, Luca. *The art of Caesar's Bellum Civile: literature, ideology, and community*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017, p. 221.
[75] CÉSAR, *BC*, I.[17].1, p. 49.
[76] REZENDE;BIANCHET, *Dicionário do latim essencial*, p. 118. dignĭtas, dignitatis, (f.).(dignus). Mérito, merecimento, dignidade. Consideração, prestígio, honorabilidade. Categoria, cargo honorífico. Nobreza, virtude. Magnificência, beleza viril (em oposição a uenustas).
[77] GRILLO, *The art of Caesar's Bellum Civile*, p. 26-27.

A caracterização descrita por Grillo aparece no uso estratégico de termos similares, usados para a descrição mútua, porém usados e apresentados com diversas conotações. O uso de *celeritas*[78], por exemplo, quando atrelado ao cesarianos, é sempre visando a ação rápida, o pensamento veloz para agir e reagir primeiro que o inimigo, mas ao se referir ao pompeanos o mesmo termo passa a significar precipitação, falta de paciência ou a velocidade para fugir/bater em retirada[79]. César, entretanto, não se limita a exaltar suas próprias ações, mesmo ausente da cena ele registra os feitos dos seus comandados de forma a compor as figuras que funcionam como "extensões" de si mesmo, permitindo ao leitor observar pequenos Césares pela obra, como no caso da campanha de Curião na África[80].

Curião ou Caio Escribônio Cúrio (84 a.C. – 49 a.C.), foi um político romano que ficou marcado por seu apoio a César antes e durante a guerra civil. Curião, a mando de César, foi enviado à África para lidar com as tropas pompeanas lideradas por Varo. Tendo deixado duas legiões na Sicília, ele desembarcou apenas com uma certa quantidade de cavalaria. Estabeleceu-se em uma posição vantajosa e se aproximou da cidade de Útica, onde as tropas de Varo encontraram a ação rápida da sua cavalaria. Dispersando a cavalaria númida do rei Juba[81], sitiou a cidade e conseguiu atrair para o seu lado todos os navios cargueiros ancorados no porto..[82] e "Após essas operações, Curião se recolhe ao acampamento [...] e por aclamação unânime da tropa é saudado com o título de *imperator*"[83].

César, mesmo não estando presente, narra as vitórias e triunfos conquistados por Curião, como se ele fosse o vencedor, apresentando-o como um líder sagaz e com muita capacidade para o comando, o que fica muito claro durante o discurso do Curião dirigido as suas tropas para levantar a moral após a notícia da aproximação do exército do rei Juba:

> [31] 1. Curião, desaprovando ambas as propostas, dizia que o que faltava de coragem numa, havia em excesso na outra: uns levam em conta a mais torpe das fugas, outros acham que se deve combater até mesmo em terreno desfavorável. 2. "Com que elementos contamos - disse ele - para poder tomar de assalto um campo dos mais bem protegidos pela natureza e por fortificações? 3. Por outro lado, que vantagem logramos se, tendo sofrido grave revés, desistimos de assediar o acampamento, como se não fosse o sucesso que garante aos generais a estima da tropa, e o fracasso, o seu repúdio! 4. O que significa a mudança de acampamento, se não fuga vergonhosa, desesperança geral e deserção do exército? Pois importa que os que têm brio não suspeitam que pouco se lhes crê, que os maus não se saibam

[78] REZENDE;BIANCHET, *Dicionário do latim essencial*, p. 70. celerĭtas, celeritatis, (f.). (celer). Rapidez, agilidade, celeridade. Prontidão, presteza.
[79] PEER, Ayelet. *Julius Caesar's Bellum Civile and the Composition of a New Reality*. Farnham, Surrey / Burlington, VT: Ashgate Publishing Company, 2015, p. 15.
[80] CÉSAR, *BC*, II.[23-44], p. 163-187.
[81] Aliado de Pompeu, durante o conflito enviou soldados e tropas auxiliares contra as forças de Curião.
[82] CÉSAR, *BC*, II.[25].6, p. 165-167.
[83] CÉSAR, *BC*, II.[26].1, p. 167.

> temidos, pois a estes nosso medo lhes acresce o atrevimento, àqueles lhes embota o ardor. 5. Se - continuou ele - já considerarmos como certo o que se diz sobre o desabamento do exército - coisa de que tenho plena confiança não ser verdadeira ou certamente ser bem menor do que se pensa - não seria melhor disfarçar e ocultar os fatos do que corroborá-los por nós mesmos? 6. Porventura os contratempos do exército, tanto quanto as feridas do corpo, não devem ser encoberta, para não aumentar a esperança do inimigo? 7. Mas, ainda acrescentam que devemos partir em meio à noite para que,suponho eu, tenham mais liberdade de ação os que queiram prevaricar; tais propósitos são refreados pelo medo ou pelo sentimento de vergonha, aos quais a noite é particularmente adversa. 8. Portanto, não tenho tal arrojo a ponto de pensar que se deva atacar no desespero o acampamento, nem tenho medo para não alimentar nenhuma esperança; penso que, antes, devemos nos certificar de tudo, e tenho plena confiança de que logo, juntamente convosco, chegaremos a uma decisão sobre o caso.[84]

César, nesse diálogo de Curião, colocou muito de si próprio na fala do seu comandado. Esse mesmo Curião contrariou (e contrariará no decorrer do segundo livro) muitas dessas características poucos capítulos depois, quando, de maneira precipitada, confiou imprudentemente nos relatos de desertores e prisioneiros, eles haviam afirmado que o contingente enviado pelo rei Juba é reduzido [85]. Curião agindo exatamente de forma oposta ao afirmado no acampamento, decidiu perseguir, em marcha forçada com sua cavalaria, o pequeno contingente. Assim buscando a glória "se convence de que os inimigos se põem em fuga e, deixando os lugares altos, desce com a tropa para a planície" [86], cometendo o erro fatal de forçar combate. O contingente liderado pelo rei númida estava longe de ser pequeno, contava com dois mil cavaleiros espanhóis e gauleses, grande parte da infantaria e sessenta elefantes, indo em marcha mais lenta. Preparada a armadilha, as tropas de Curião são esmagadas pela cavalaria do rei númida.

> [39] 1. Curião tinha partido pela quarta vigília com toda a tropa, tendo deixado cinco coortes para guarda do acampamento. Tendo avançado seis mil passos, encontra os cavaleiros que o põem a par da operação realizada; indaga dos prisioneiros quem comanda o acampamento junto ao Bragada; respondem que Saburra. 2. **No afã de cumprir a marcha, deixa de fazer outras perguntas** (grifo próprio) e, voltando seu olhar às unidades mais próximas, diz: "Não verdes, soldados, que as palavras dos prisioneiros combinam com as dos desertores? **O rei não está lá, o contingente enviado é reduzido; não teve condições de enfrentar uns poucos cavaleiros**. (grifo próprio) 3. Avante! Avançai para os despojos, para a glória, que ja entramos a pensar nas vossas recompensas e no nosso reconhecimento". 4. Era uma façanha o que tinham cumprido os cavaleiros, sobretudo comparando-se o pequeno número deles com a multidão impressionante de númidas; **no entanto, esses fatos eram relatados com bastante exagero, dado que os homens se gabam com prazer de suas próprias glórias.** (grifo próprio) [...] 6. E assim, o entusiasmo dos soldados está à altura das expectativas de Curião. Ordena que a cavalaria o siga e acelere a marcha para poder atacar o inimigo, o quanto possível, ainda na desordem da fuga. **Mas seus soldados, esgotados pela marcha de toda a noite, não conseguiam**

[84] CÉSAR, *BC*, II.[32].1-8, p. 173.
[85] CÉSAR, *BC*, II.[39].3, p. 181.
[86] CÉSAR, *BC*, II.[40].3, p. 183.

> **acompanhá-lo e ficavam pelo caminho, uns aqui, outros ali. Nem mesmo esse fato retardava os anseios de Curião**. (grifo próprio)[87]

É interessante perceber que César constrói um Curião vitorioso, que usa da sua *celeritas* para derrotar as tropas de Varo, uma espécie de projeção de si mesmo, mas que, quando este cai na armadilha do Rei Juba, volta a ser o Curião impulsivo, jovem que toma decisões mais aspirando a glória, do que a efetividade no campo de batalha. Até em seus momentos finais, Curião continua servindo ao projeto narrativo de César que afirma "Curião declara que jamais se apresentaria diante de César depois de ter perdido o exército que por ele lhe tinha sido confiado e assim é morto de armas na mão"[88].

Ao falar sobre a campanha na África, César aparenta atribuir a Curião aquilo que ele considera virtuoso em si. A partir da análise, podemos perceber que: quando Curião comete o erro - ou o acúmulo deles - César os apresenta como vindos do acaso, de subterfúgios dos inimigos para ludibriá-lo, atribui também à mocidade do seu comandado grande responsabilidade dos erros. Logo, embora ele apresente o mesmo personagem nas obras, esses vão pender em virtudes e vícios quando convém ao autor. Essa carapaça de uma objetividade desnuda, simples e elegante, como elogia Cícero, constroi uma ilusão de neutralidade. ara os padrões do gênero *commentarii*, tal artifício provoca o efeito de "surpresa" proposto por Silva, ao analisar que "na obra de César, é exatamente a ausência desses artifícios que garante a "surpresa"; o não estilo é também um estilo." [89]. Artifícios estilísticos, que deveriam permear os *commentarii* cesariano são deliberadamente suprimidos: César rompe com o cânone literário romano, retomando a simbologia dos antigos anais romanos, para apresentar a sua própria perspectiva , o seu *commentarii* como o único e legítimo, quebrando assim, como afirma Silva o " acordo fiduciário em que subjaz toda obra retórica, inclusive a histórica: a admissão da refutação."[90]

Uma das principais virtudes a qual César no decorrer de sua obra recorreu foi a da *clementia*[91]. A presença dessa virtude específica no BC e sua ausência no BG, evidencia como o nosso autor maneja a violência da guerra de forma distinta. Enquanto no BG os detalhes da morte de milhares de bárbaros parecem passar como uma simples nota de rodapé, no BC ao contrário multiplicam-se as passagens nos quais César destaca a sua *clementia* para com seus

---

[87] CÉSAR, *BC*, II.[39].1-6, p. 181-183.
[88] CÉSAR, *BC*, II.[42].4, p. 185.
[89] SILVA, P. R. S. Metodologia da historiografia de César. Língua e Literatura, n. 30, p. 121–134.
[90] SILVA, Metodologia da historiografia de César, p. 132.
[91] REZENDE;BIANCHET, *Dicionário do latim essencial*, p. 78. clementĭa,-ae, (f.). (clemens). Serenidade, suavidade. Bondade, clemência; *clemens*, *clementis*. De declive suave. Dócil, clemente, indulgente. Moderado, calmo, agradável, pacífico.

inimigos e adversários. Grillo ao fazer referência a essa mudança na posição de César, faz lembrança à figura ditatorial de Sula, cujo governo se sustentou por medo e por infames listas de proscrições. Grillo então afirma que:

> The proscriptions of Cinna and Sulla lingered in people's memory; and Caesar had to make an effort to go against everyone's expectation and broadcast a new method of winning, "armed with leniency and magnanimity"[92]

Um exemplo marcante da "leniência" cesariana na obra ocorreu logo após a rendição das tropas de Afrânio na Hispânia, as quais, após perderem posição vantajosa, ficaram encurraladas, sem acesso a água, forragem ou alimentos. Declarando César como o vencedor e suplicando para que "se houvesse ainda espaço para a compaixão, que não fossem obrigados a caminhar para o derradeiro suplício"[93]. Segue então a resposta de César:

> [85] 1. A elas dá César a seguinte respostas: de todos ele era o único a quem menos calhava o papel de encenar lamúrias e apelos à compaixão; 2. sim, os outros todos tinham cumprido com as suas responsabilidades: ele, **César, que, mesmo em condições propícias, em lugar e momentos favoráveis, não quis atacar, para que a abertura para a paz fosse totalmente preservada; o seu exército, que apesar de ser vítima de ultrajes e ter os seus assassinados, poupou e protegeu os adversários que estavam sob seu poder**; (grifo próprio) os soldados do exército inimigo, que por iniciativa própria fizeram tratativas para chegar à paz, no que tiveram em mente salvaguardar a vida de todos os seus camaradas. 3. **Portanto, o desempenho de todos os grupos teve como base o sentimento de humanidade**. (grifo próprio) Os chefes, sim, **tiveram aversão à paz; não respeitaram as normas das negociações e da trégua, assassinaram com a maior crueldade pessoas ingênuas que se iludiram com a possibilidade de conversações.** (grifo próprio) 4. Acontecera, portanto, com os líderes, o que sói acontecer à maioria dos homens de obstinação e arrogância desmedida, a saber, recorrem àquilo que há bem pouco desprezaram e o que pedem com a maior ânsia.[94]

César ao mesmo tempo que apresenta Afrânio como uma figura covarde, exalta a si e seus soldados por não cometerem tais perversidades, já que a paz é aparentemente o objetivo final para o autor. Surge também uma diferenciação clara entre "corpo" e "cabeça": o corpo, representado pelas tropas pompeianas de legionários, aqueles que estavam apenas obedecendo e que movidos por "sentimento de humanidade" também buscam e anseiam a paz; e a cabeça, formada pelos líderes, que além de rejeitar tal desfecho vão de encontro às convenções morais estabelecidas "não respeitam as normas das negociações e da trégua" e matam aqueles ingênuos que também ansiavam pela resolução do conflito. O que vemos no BC é a ausência de justificativas para ações das tropas inimigas, elas também são compostas por cidadãos que

---

[92] GRILLO, *The art of Caesar's Bellum Civile*, p. 78.
[93] CÉSAR, *BC*, I.[84].4-5, p. 131.
[94] CÉSAR, *BC*, I.[85].1-5, p. 131.

buscam e anseiam pela resolução rápida e eficiente do conflito, contudo seus comandantes, elite senatorial que havia fugido de Roma com Pompeu abandona os romanos a própria sorte.

O autor entende o momento em que escreve. Ele não só se apresenta como detentor das virtudes romanas, e descreve seus inimigos como contrários à moral — imorais! — mas também percebe que não lhe traria vantagem alguma : desfigurar, desmoralizar, desumanizar as tropas e a população que seguia Pompeu. Canfora percebe isso ao declarar que César em seus *commentarii* o escreve "not as a record for the future, but as propaganda for the present."[95] E sim, a busca de César por legitimidade ocorre no contexto da sua escrita, contudo não é mera propaganda: César não está em guerra contra Roma, César é Roma em guerra contra líderes despidos de qualquer virtude e que há muito vinham tramando contra ele, como o próprio autor coloca logo em seguida:

> [85] 5. Não ia ele agora tirar vantagem da humilhação deles e de sua situação favorável e fazer exigências para aumentar suas próprias forças, **mas queria que fossem desmobilizados os exércitos que há muitos anos sustentavam contra ele.** (grifo próprio) 6. Com efeito, não foi por outro motivo que tinham sido enviadas seis legiões à Hispânia e aí tinha sido recrutada uma sétima; não por outro motivo tantas e tão grandes frotas tinham sido equipadas e enviados sorrateiramente tão experientes chefes militares. 7. Nenhuma dessas medidas foi tomada para pacificar as Hispânias, nenhuma delas no interesse da província, que em razão do longo período de paz não carecia de reforços. 8. **Contra ele é que todas essas medidas, de longa data, estavam sendo preparadas; contra ele se criavam comandos de natureza excepcional**, (grifo próprio) a tal ponto que uma mesma pessoa, às portas de Roma, presidia à política interna e, ausente, comandava, já há tantos anos, duas províncias dentre as mais belicosas [96]; 9. **Contra ele se subverteram as normas das magistraturas para que fossem enviados às províncias, não os ex-pretores e ex-cônsules - prática sempre adotada - mas os aprovados e eleitos por uma minoria;** (grifo próprio) contra ele não se levava em conta a justificativa da idade, pois homens que já tinham prestado bons serviços nas guerras anteriores eram convocados para o comando militar; 10. **apenas contra ele não se mantinha o que sempre se concedeu a todos generais: voltar para casa, após campanha vitoriosa, com alguma honra ou certamente sem nenhuma ignomínia e, em seguida, licenciar seu exército.** (grifo próprio) 11. T**udo isso, no entanto, ele suportou e suportaria pacientemente; seu propósito no momento não era manter para si o exército que lhe tinha sido tirado - coisa que não seria difícil - mas fazer com que não o tivessem de usá-lo contra ele**. (grifo próprio)12. Portanto, como tinha sido dito, deviam deixar a província e licenciar o exército; **se o fizessem, ele não faria mal a ninguém. Essa era a única e última condição de paz**. (grifo próprio)[97]

Chega a ser quase jocosa a forma como César narra sua própria perseguição, e coloca-se no lugar de apenas daquele que reage a uma injusta agressão. O autor então, a partir da sua caracterização como virtuoso ou não, constroi para o leitor não somente a sua

---

[95] CANFORA, *Julius Caesar: the people's dictator*, p. 133.
[96] Aqui há uma clara referência a Pompeu.
[97] CÉSAR, *BC*, I.[85].5-12, p. 131-133.

perspectiva dos fatos, mas uma moldura ética que inserida no código moral romana faz incontestáveis os erros e falhas dos adversários. Eles não perdem apenas porque César está certo e eles errados, eles carregam um porquê de estarem errados, o seu atentado não é contra César, é contra a própria República, contra a moral, contra Roma e seu Povo. Não é somente propaganda que César ansiava escrever, mas uma narrativa lógica pautada em preceitos inteligíveis ao interlocutor, juntando assim o seus argumentos e recusando a própria possibilidade de refutação.

3.3 GUERRA JUSTA

O *BC*, em seu primeiro livro, carrega uma carga política muito maior do que nos dois livros seguintes. Tal fato advém da tentativa de César, durante os primeiros 8 capítulos do livro primeiro, em pontuar o que faz da sua luta, ser uma luta legítima, como podemos ver no trecho abaixo:

> [7] 7. Aos soldados que sob seu comando realizaram por nove anos campanhas tão vitoriosas, que pacificaram toda a Gália e a Germânia, aconselha que defendam dos inimigos a reputação e a honra do seu chefe. 8. Aclamam em brado unânime os soldados da décima-terceira legião - a esta César convocara no início das agitações; as outras ainda não se haviam reunido a ele - e **afirmam que estavam preparados para vingar as injustiças feitas ao seu comandante e aos tribunos da plebe** (grifo próprio).[98]

Os soldados da décima-terceira legião aparecem aqui como uma voz externa, que, ao aderir a perspectiva do autor, também se indignam diante das injustiças. Quando César descreve as injustiças sofridas por ele, coloca-as no mesmo plano daquelas sofridas pelos seus tribunos. Logo podemos perceber esse paralelismo intencional e interpretar a afirmação do seguinte modo: Pompeu e sua hoste de senadores ao negar/atacar a *dignitas* de César, concomitantemente negam/atacam os tribunos eleitos pelos cidadãos romanos; sendo assim o ataque à César equipara-se a um ataque contra o corpo de *populares*. Essa necessidade que César tem de apresentar os seus motivos para guerra não aparenta, no primeiro momento, ser apenas autopromoção de autor para a posteridade, mas sim uma tentativa de angariar legitimidade para as suas ações.

A população, no decorrer da obra, muitas vezes permanece em segundo plano, o movimento das tropas e as estratégias dos comandantes adversários possui um destaque

[98] CÉSAR, *BC*, I.[7].7, p. 49.

maior, contudo sempre que vemos a interação entre a população com as figuras centrais percebemos situações interessantes, como nos exemplos abaixo:

> [12] 1. Nesse ínterim, César, informado de que o pretor Termo ocupava Igúvio com cinco coortes e a fortificava, mas que as disposições de espírito de todos os iguvinos para com sua pessoa eram as melhores possíveis [...]. [13] 1. Assim que se noticia a vinda de César, os decuriões de Áuximo vão, em grande número, ao encontro de Átio Varo. **fazem-no ver que não competia a eles julgar o litígio; que nem eles nem os demais munícipes podiam suportar que se impedisse a entrada em sua cidade a César, general de belos serviços prestados à República** (grifo próprio), de tão grandes façanhas [...].[99]

A autoridade de Varo[100] foi rejeitada pelos decuriões, membros do senado municipal, que recorrem ao mesmo argumento do ataque à honra. A questão do litígio é outra que César retomará no decorrer da obra. Quando ele próprio cruza o Rubicão, Pompeu e o corpo de senadores aliados abandonam Roma, retirando-se para a região da Apúlia (sul da itália, próximo ao estreito de Otranto). A cidade fica em um estado de acefalia, sem governo, enquanto a definição da legitimidade fica em litígio. Claro que, ao colocar na boca dos decuriões esse discurso, César reforça a ideia de que aqueles que encontram-se ao lado de Pompeu não merecem a confiança e carecem de legitimidade. A própria população, na obra do César, participa desse processo de deslegitimação:

> [15] 1. Saindo de Áuximo, César percorre todo o território dos Piceno. Todas as prefeituras da região acolhem-no com a alma em júbilo e assistem seu exército com todos os meios.[101]
>
> [28] 1. Os habitantes de Brundísio, ressentidos com os desmandos e as afrontas dos soldados do próprio Pompeu, apoiavam a causa de César. 2. Por isso, quando se dão conta da retirada de Pompeu pelo corre-corre dos soldados ocupados com essa operação faziam sinais em massa do alto de suas casas.[102]
>
> [30] 3. Os habitantes de Cáralis, tão logo ouviram que lhes tinha sido enviado Valério e antes mesmo de sua partida, de livre e espontânea vontade expulsam Cota da cidade.[103]
>
> [11] 3. Mas César, tendo desembarcado os soldados, parte no mesmo dia para Órico. Chegando lá, Lúcio Torquato, que estava à testa da cidade a mando de Pompeu e mantinha uma guarnição de partinos, tenta defender a cidade, fechando-lhe as portas; 4. tendo dado aos gregos ordem de se postar nas muralhas e pegar em armas, eles porém retrucaram que não iam combater contra a autoridade legítima do povo romano, e ainda mais, estando os moradores da cidade na disposição de receber César por iniciativa própria, Torquato, já sem nenhuma esperança de receber ajuda,

---

[99] CÉSAR, *BC*, I.[12-13].7, p. 55.
[100] Pretor e designado para o proconsulado da província da África pelo Senado já durante o conflito.
[101] CÉSAR, *BC*, I.[15].1, p. 59.
[102] CÉSAR, *BC*, I.[28].1-2, p. 75.
[103] CÉSAR, *BC*, I.[30].3, p. 77.

> abriu as portas e entregou a César a si próprio e a cidade e por ele foi mantido são e salvo[104]
>
> [34] 4. da parte dessa província que se chamava livre, tinha vindo como deputado Menedemo, chefe da região, manifestando o extraordinário entusiasmo de todos os seus para com César.[105]

Através do registro de apoio da população, recebido pelas tropas cesarianas, o autor constroi a presença de uma certa consciência popular em todas as províncias do império. Como se o próprio povo romano estivesse presente reagindo a cada ato feito dentro das sessões do Senado. Esse mesmo Senado, que com a saída de Pompeu esvaziou-se, prepara-se para ouvir e reafirmar as palavras de César dos motivos da sua guerra:

> [32] 2. Reunido com o Senado, recorda as injustiças dos seus desafetos. Declara que jamais almejara um cargo extraordinário; ao contrário, depois de aguardar o tempo prescrito em lei para o consulado, ter-se-ia contentado com o que se facultava a qualquer cidadão.[106]

Nessa passagem o autor esquiva-se da possível comparação com ainda presente no imaginário de muitos romanos, Sula. E, logo em seguida, mostra também a perversidade daqueles que foram de encontro aos tribunos e a aparente hipocrisia de Pompeu em voltar atrás, além de equiparar um ataque a si, como um ataque a todo o coletivo romano:

> [32] 3. Tinha sido proposto pelos dez tribunos da plebe, apesar da resistência dos inimigos e da oposição implacável de Catão na sua velha tática de fazer obstrução por dias inteiros, que se levasse em conta sua candidatura, embora ausente, e isso no consulado do próprio Pompeu. Se ele era contrário, por que tinha permitido a proposta? e se estava a favor, por que o impediu de gozar de um favor concedido pelo povo?[107]

Finalizando a sua fala ao Senado, César, mais uma vez, eleva a virtude própria, apresentando-se no papel daquele que age em justa autodefesa., Reitera que foi ele aquele que buscou a paz e a resolução do conflito em suas diversas e diversas tentativas de aplacar conflito:

> [32] 4. Exibe sua tolerância, ao tomar iniciativa e pedir o licenciamento dos exércitos, medida que feria sua dignidade e sua honra. 5. Põe em evidência a sanha dos inimigos que recusavam cumprir o que exigiam da outra parte e preferiam o caos geral a renunciar ao comando e desmobilização dos exércitos. 6. Denuncia a

[104] CÉSAR, *BC*, III.[11].3-4, p. 202-203.
[105] CÉSAR, *BC*, III.[34].4, p. 227.
[106] CÉSAR, *BC*, I.[32].2, p. 79.
[107] CÉSAR, *BC*, I.[32].3, p. 79.

> injustiça em prová-lo das legiões, a brutalidade inaudita em cercear os tribunos da plebe, lembra as propostas por ele apresentadas, as negociações solicitadas e negadas.[108]

César, ao construir sua obra, deixa inúmeros vestígios do seu viés propagandístico dirigido aos seus conterrâneos, numa tentativa calculada de construir no presente a legitimidade que seus atos naquele momento não possuíam. Quando cruza o Rubicão ele repete deliberadamente os mesmos passos de Sula, com um exército que garanta o seu poder e influência. Ele se apresenta como defensor da paz, porém no decorrer da sua campanha ofereça pouco ou nenhum espaço para seus adversários realmente alcancem esse desfecho. . Mesmo ao fim, com a derrota das tropas de Pompeu na batalha de Farsália, ele se apropria da voz de um dos seus soldados, para encerrar simultaneamente o objetivo da guerra contra Pompeu e o arco narrativo da obra BC como um todo:

> [91] 1. Havia no exército de César um reservista de nome Crástino, que no ano anterior servira como primeiro centurião na décima legião, homem de extraordinária bravura. 2. Dado o sinal, disse ele: "Segui-me, vós que fizestes parte do meu manípulo e prestai ao vosso general o serviço que lhe prometestes. Resta apenas esta batalha; quando a tivermos concluído, César terá resgatado sua dignidade e nós, nossa liberdade." 3. E voltando-se para César, disse: "Hoje general, farei com que, vivo ou morto, mereça vosso reconhecimento."[109]

[108] CÉSAR, *BC*, I.[32].4-6, p. 79.
[109] CÉSAR, *BC*, III.[91].1-3, p. 285.

4. CÉSAR E A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

O *Bellvm Civile* de César não existe fechado em si mesmo e nem foi produzido a margem do seu meio sócio-histórico. Logo analisar o texto — entendendo texto como o corpo fechado, com início, meio e fim[110] — como um arranjo de palavras, em orações, formando frases, parágrafos, capítulos e etc. seria insuficiente. César, através da sua obra, busca estabelecer sentido — uma finalidade Y — e não é possível atribuí-lo quando o objeto encontra-se isolado. Quando dissemos que o autor faz uma narrativa, pensamos que: ele a fez dentro de um ambiente X, com uma finalidade Y e para um leitor Z, e é exatamente nessa relação entre autor, leitor e texto que, segundo Orlandi, institui-se o sentido. [111] Sendo assim, ele, ou os vários sentidos, são "partes de um processo. Realizam-se num contexto, mas não se limitam a ele. Têm historicidade, têm um passado e se projetam num futuro."[112]

O entendimento ou percepção não é limitado a aspectos linguísticos e gramaticais, percebemos sobretudo a utilização do discurso na obra, o que torna necessários métodos e teorias próprias que nos permitam ampliar nossa avaliação. A Análise do Discurso vem assim, tendo o discurso como seu núcleo. Logo, nela "procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história" [113]. Portanto, ao propormos um estudo da obra cesariana, procuramos refinar nossa visão para percebermos todo o ambiente que cerca: César, sua construção da guerra com Pompeu, a percepção e recepção para quem aquela obra foi escrita e o processo ideológico intrínseco ao ato de atribuir sentido; como coloca Pêcheux ao relatar que "não há discurso sem sujeito e não ha sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido".[114]

César, na escrita do *Bellvm Civile*, elaborou uma teia complexa de informações, arquitetando as frases e palavras com maestria; utilizou-se da organização cronológica e minuciosa dos eventos, discursos e batalhas; descreveu seus aliados de forma clara e direta, e seus adversários com a mesma objetividade metódica que caracteriza a sua obra. Porém, ele e sua obra, não podem ser definidos como pertencentes de um simples esquema de: emissor, mensagem, receptor. Há aspectos que circulam no texto e não são concretos ou pétreos: O simbolismo dos decuriões ao afirmar que Varo não possuía legitimidade para julgar a situação

---

[110] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 59.
[111] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 21.
[112] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 103.
[113] ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005, p. 15.
[114] Pêcheux, *apud* ORLANDI, *Análise de Discurso*, p. 17.

do litígio[115]; as falas de César ao Senado enumerando os diversos ataques a si e ao povo romano, enquanto declarava não desejar nada além da própria paz [116]; a seca descrição dos senadores em conlûio tramando contra a honra e dignidade de César, com os detalhes precisos sobre como Roma entregava-se à própria fortuna antes do conflito, com os cônsules saindo da cidade "coisa que até então jamais tinha ocorrido" [117], com o arrepio e abandono da tradição, com o recrutamento de tropas, requisição de dinheiro dos municípios e até dos templos, um momento de desordem em que "todas as leis humanas e divinas são baralhadas"[118].

Tudo o que César narra — utilizando-se de um /estilo de escrita, mais contido, limpo, descritivo, preciso e seco — existe dentro de um amplo universo de percepção, consumo, comparação, interpretação e finalmente ressignificação. Quando ele utiliza a terceira pessoa, a brevidade, a falta de ornamentos e autopromoção, é uma ação calculada. A língua escrita transfigura-se em arma, ferramenta, discurso, voz, política, pensamento, memória, história, ancestralidade e futuro. César escreve sobre o passado, entendendo o presente e construindo um futuro, e toda a forma com que ele engendra e potencializa seu objetivo opera por meio da narrativa, que se apresenta sob uma máscara neutra, revestida de uma estética que aparenta ser uma mera descrição, mais um *commentarii*. A quebra, o ponto de interesse , o elã da pesquisa — e para o seu pesquisador — está em observar o processo criativo de César como ele cria, onde ele cria, para quem cria e de que forma essa sua criação é entendida, afirmada, reafirmada ou retrucada, através do tempo, do momento em que a pena encontrou o papel até esse instante em que suas palavras são relidas e reinterpretadas. .

César, como autor, buscou compreender a relação que cria o sentido, da mesma forma que o "O historiador procura compreender as tramas" [119]. quando afirmamos na introdução, que a escrita cesariana se aproxima mais do tipo polêmico [120], queríamos nos referir a constante tensão entre polissemia e paráfrase na escrita do BC. Orlandi apresenta os conceitos da seguinte forma: "A polissemia é a multiplicidade de sentidos e a paráfrase é a permanência do mesmo sentido sob formas diferentes"[121] e César apesar de claramente enveredar a sua obra para o fim que deseja, não força o leitor; apresenta uma construção argumentativa propondo paralelos (César e Pompeu, César e Afrânio, Curião e Juba), descrevendo o que ocorre e buscando na âmago do indivíduo que lê, fundações morais que julgam a,

---

[115] CÉSAR, *BC*, I.[12-13].7, p. 55.
[116] CÉSAR, *BC*, I.[32].1-9, p. 79-83.
[117] CÉSAR, *BC*, I.[6].7, p. 49.
[118] CÉSAR, *BC*, I.[6].1-8, p. 45-49.
[119] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 82.
[120] Sendo três tipos: autoritário, polêmico e lúdico.
[121] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 86.

presumidamente neutra, descrição cesariano do correr dos eventos. A falta, ausência e/ou lacuna fazem-se presentes, o autor deliberadamente conta com elas, "Assim, a seleção que o sujeito faz entre o que diz e o que não diz também é significativa". [122]Mesmo quando o texto deixa lacunas, reconhecê-las — em vez de preenchê-las automaticamente — exige atenção redobrada. Como lembra Veyne alertar "que as lacunas da história se fecham espontaneamente a nossos olhos e que só as discernimos com esforço"[123] ou seja, o leitor tende a completar o que não está dito, e justamente por isso precisa aprender a perceber o não dito como parte significativa da obra

O macrocosmos romano é vasto e possivelmente tão cheio de sentidos quanto se possa imaginar , mas há sempre aspectos formais que procuram unificar e fazer com que a mais difícil das mensagens se faça compreensível . O apelo à legitimidade das reivindicações de César, a defesa constante de um direito romano tão inexorável como *gravitas*, o anseio pela resolução pacífica e a imputação do conflito aos interesses mesquinhos de uma pequena elite, apresentam-se como elementos para o público amplo dos leitores. O microcosmo de leitores, por sua vez, encontra-se em uma elite próxima e influente as decisões mais delicadas do Senado, e que enxergou, como lembra Cícero em Brutus, a sua escrita como peça singular , dentro de um gênero já estabelecido no cânone romano, mas que apresenta uma leve "quebra", como falamos no capítulo "personagens na obra de César" com a fala de Silva. [124]

O BC, como obra literária, apresenta esse caráter duplo:

> "…é histórica, produto da época, mas também produz história, projeta-se na diacronia, influencia acontecimentos futuros, atua sobre a linguagem e opera no plano da ideologia, da percepção do mundo e representação do real" [125]

Isto posto, podemos dizer que o *Bellum Civile* não se propõe pela sua forma a ser história, porém não deixa, ainda assim, de produzir história. Como afirma Veyne, os acontecimentos e fatos "não são coisas, objetos consistentes" mas sim retalhos que realizamos, cortes na realidade, "um aglomerado de procedimentos em que agem e produzem substâncias em interação, homens e coisas" [126]. César realiza seu recorte de forma subjetiva e se utiliza de argumentos — dos quais podemos concordar ou discordar — para assim apresentar como uma "trama" se desenrolou durante o seu conflito com Pompeu. E, mesmo que durante a sua escrita esse não fosse o objetivo maior do autor, a obra transforma-se a

---

[122] ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 19.
[123] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 27.
[124] SILVA, Metodologia da historiografia de César, p. 132.
[125] C. Willer, Folha Ilustrada, *apud* ORLANDI, *Discurso e leitura*, p. 88.
[126] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 46.

partir do momento em que entra em contato com seu ambiente histórico, com seu leitor, o sentido não está preso à obra.

Ao definir o que é história no caso da nossa pesquisa, não nos referimos a História com H, tão pomposa e quase inalcançável, tal qual a verdade, mas sim a coletânea de fatos de maneira lógica narrados de forma subjetiva, como complementa Veyne:

> Os historiadores narram tramas, que são tantas quantos forem os itinerários traçados livremente por eles, através do campo factual bem objetivo (o qual é divisível até o infinito e não é composto de partículas factuais); nenhum historiador descreve a totalidade desse campo, pois um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte; nenhum desses caminhos é o verdadeiro ou é a História.[127]

Logo, compreendemos que o Bellum Civile, embora não se proponha formalmente a ser uma obra histórica, torna-se, pelo próprio ato de narrar e construir sentidos, uma forma de história — situada, subjetiva, intencional, mas fundamentada em procedimentos, escolhas argumentativas e recortes que lhe conferem validade histórica.

[127] VEYNE, *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, p. 45.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia se propôs a analisar a obra *Bellvm Civile* de Caio Júlio César, buscando compreender como ela se articula para além de mero relato memorialístico, estabelecendo-se como um discurso político fundamental e uma forma específica de construção de caráter histórico. Demonstramos a partir do estudo que a obra, embora se apresente dentro do gênero *commentarii*, com uma proposta e aparência que sugerem uma suposta neutralidade narrativa, é, na verdade, uma construção de sentido que conta com esses mesmo artifícios para forjar um "relato histórico" indubitável, escondendo-se nessa pretensão de neutralidade, ao mesmo tempo em que apela subjetivamente para a base simbólica e canônica dos leitores.

Para alcançar o objetivo dessa pesquisa, percorremos três eixos principais: primeiro traçamos o contexto político-social da Roma do século I a.C e a ascensão de César, muito importante para entender as tensões que culminaram no conflito; em seguida, o nosso foco recaiu sobre as características intrínsecas do BC, seu gênero e a construção narrativa que visa legitimar os atos de César, incluindo a discussão da guerra justa, a descrição dos personagens e o estilo que ele faz uso; e finalmente o nosso trabalho avançou para a proposta central de analisar a obra como um processo de construção de história, utilizando o arcabouço teórico de Paul Veyne e Eni Puccinelli Orlandi.

As reflexões sobre história, discurso e narrativa nos permitiram desvendar as intenções implícitas e explícitas do autor — o que está dito, o que permanece sob a superfície — mostrando assim que a seleção, a ausência e a lacuna na narrativa de César, são elementos significativos que contribuem para o texto se constituir como um obra que, mesmo não se propondo, constrói história.

Por fim, a pesquisa conclui que o *Bellvm Civile* transcende o registro memorialístico tradicional. Ao utilizar o discurso como ferramenta de construção da realidade e da memória, César não apenas registra eventos, mas participa da criação e interpretação da história. A obra revela-se assim como um importante objeto de estudo historiográfico, pois demonstra a indissociável relação entre poder, narrativa e a escrita de história. Superando o mero registro factual, o brio da obra de César reside na sua arquitetura narrativa , e na forma como ela e o seu autor compreenderam o período e a sociedade para quem se apresentavam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa de. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2014.

BADIAN, Ernst. From the Iulii to Caesar. In: GRIFFIN, Miriam (ed.). *A Companion to Julius Caesar*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 11–22.

BATSTONE, William. Caesar constructing Caesar. In: GRILLO, Luca; KREBS, Christopher B. (eds.). *The Cambridge Companion to the Writings of Julius Caesar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 141–157.

BEARD, Mary. *SPQR: uma história da Roma antiga*. 3. ed. São Paulo: Crítica, 2023. p. 559.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *Revista de Teoria da História*, Ano 1, n. 3, p. 94-109, jun. 2010. Universidade Federal de Goiás.

BRANDÃO, José Luís. A primazia de César: do "1º triunvirato" aos Idos de março. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 389–422.

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (coord.). *História de Roma Antiga: vol. II: Império Romano do Ocidente e Romanidade Hispânica*. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, mar. 2020. p. 538.

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco de (coords.). *História de Roma Antiga: vol. I: Das origens à morte de César*. 1. ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, jun. 2015. p. 486.

CANFORA, Luciano. *Julius Caesar: the people's dictator*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007. p. 408.

CÉSAR, C. Júlio. *Comentários (De Bello Gallico)*. Tradução de Francisco Sotero dos Reis. Digitalização da edição de 1941 (Série Clássica de Cultura – Os Mestres do Pensamento, sob a direção de José Perez). São Paulo: Edições Cultura, 1941. Edição digital: eBooksBrasil, 2001. Disponível em: eBooksBrasil.com. Acesso em: 12.04.2023.

CÉSAR, Caio Júlio. *A guerra civil*. Tradução de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado / Humanitas, 1999.

CROOK, J. A.; LINTOTT, Andrew; RAWSON, Elizabeth (eds.). *The Cambridge Ancient History. Volume IX: The Last Age of the Roman Republic, 146–43 B.C.* 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. XVIII, p. 929.

DORNELES, Filipe Lerias. *Em nome do povo romano: os usos do populus romanus nos "Comentários sobre a Guerra Gaulesa" de Gaio Júlio César*. 2018.

FORNARA, Charles William. *The nature of history in ancient Greece and Rome*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, 1983. p. 264.

GRIFFIN, Miriam T. (org.). *A companion to Julius Caesar*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 512.

GRILLO, Luca. *The art of Caesar's Bellum Civile: literature, ideology, and community*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 221.

GRILLO, Luca; KREBS, Christopher B. *The Cambridge Companion to the Writings of Julius Caesar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 418.

GRIMAL, Pierre. *História de Roma*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GRUEN, Erich S. Caesar as a Politician. In: GRIFFIN, Miriam (ed.). *A Companion to Julius Caesar*. Malden, MA; Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 22–37.

HARRISON, Stephen J. (org.). *A companion to Latin literature*. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 450.

KRAUS, Christina Shuttleworth. Historiography and Biography. In: HARRISON, Stephen (ed.). *A Companion to Latin Literature*. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 241–256.

LEÃO, Delfim; BRANDÃO, José Luís. As origens da urbe e o período da monarquia. In: BRANDÃO, José Luís; DE OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 27–50.

LEVENE, Dominic S. The Late Republican/Triumviral Period: 90–40 BC. In: HARRISON, Stephen (ed.). *A Companion to Latin Literature*. Malden, MA; Oxford: Blackwell Publishing, 2005. p. 31–43.

MANTAS, Vasco Gil. Conflitos civis em Roma: dos Gracos a Sula. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 175-197.

MANTAS, Vasco Gil. Vida e morte do Império do Ocidente. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga: volume II: Império Romano do ocidente e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. p. 363–395.

MORAIS, Rui. De Sula ao "1º triunvirato": o legado de Crasso e Pompeio Magno. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 363–383.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Leitura*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PEER, Ayelet. *Julius Caesar's Bellum Civile and the Composition of a New Reality*. Farnham, Surrey / Burlington, VT: Ashgate Publishing Company, 2015. p. 200.

PINTO, Céli Regina Jardim. Elementos para uma análise de discurso político. *Barbarói*, n. 30, p. 78–109, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.821. Acesso em: 1 ago. 2025.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução e comentário de Maria de Fátima Silva; José Luís Brandão. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. p. 348.

REZENDE, Antônio Martinez de; BIANCHET, Sandra Braga. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 512.

RIGGSBY, A. *Caesar in Gaul and Rome: War in Words*. Austin: University of Texas Press, 2006. p. 286.

RODRIGUES, Nuno Simões. Dos "conflitos de ordens" ao Estado patrício-plebeu. In: BRANDÃO, José Luís; de OLIVEIRA, Francisco (coords.). *História de Roma Antiga. Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015. p. 83–103.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de. *História da república romana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. p. 200.

SILVA, P. R. S. Metodologia da historiografia de César. *Língua e Literatura*, n. 30, p. 121–134, 2010–2012.

SUETÔNIO. *A vida dos doze Césares: Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Ótão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano*. Brasília: Senado Federal, 2012. p. 320.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 285.